

JOSÉ AUGUSTO ALEGRIA (1917-2004)



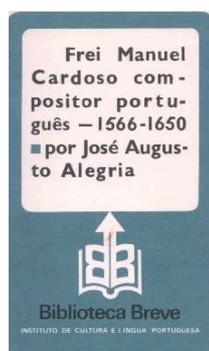
Diz-se, por vezes, que o nome traz sempre alguma característica da pessoa. Os hebreus davam o nome aos filhos um pouco com essa intenção, desde a expectativa à surpresa dos pais, ideias por vezes extravagantes dos pais, uma experiência religiosa, uma circunstância especial que marca o próprio nascimento, o número do lugar que ocupa na listagem dos filhos de uma determinada família. Se há nome, ou sobretudo apelido, que marque entre nós uma pessoa com toda a propriedade é o do Cónego eborense e musicólogo de renome José Augusto Alegria. A imagem que encabeça o presente texto retrata-o como eu tive a oportunidade de o conhecer.

O Cónego **José Augusto Alegria** nasceu em Évora no dia 17 de Dezembro de 1917. Em 1926, aos nove anos de idade, ingressou no Oratório de S. José, dirigido pelos Padres Salesianos, então particularmente activos no campo musical, onde teve os primeiros contactos com a música e concluiu o ensino primário. Em 1930, entrou no Seminário de Évora, concluindo os estudos eclesiásticos em Junho de 1940, sendo logo nomeado professor de Música e com a responsabilidade de dirigir o Coro do Seminário, com relevo para as celebrações litúrgicas da Catedral Eborense, funções que desempenhou durante quarenta anos. Já em 1945 foi responsável pela divulgação dos Cantares do Alto Alentejo ao fundar o Coro Polifónico de Évora. Nesse mesmo ano foi nomeado membro do Cabido da Sé de Évora, com o título de Mestre de Capela. Entre 1949 e 1951, frequentou o Instituto Superior de Música Sacra, de Roma, como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, tendo aí concluído a Licenciatura em Ciências Musicológicas. De regresso, retomou as funções anteriores no Seminário, a que juntou as cadeiras de Literatura Portuguesa e Canto Gregoriano, sendo ainda professor de Religião e Moral Católica no ensino oficial, actividade de que se aposentou em 1981. A partir de então continuou a sua actividade no campo da investigação por cerca de vinte anos.

Ao longo da sua carreira, desenvolveu uma intensa actividade no campo da música, tanto como investigador e divulgador da polifonia renascentista portuguesa, nomeadamente da chamada Escola de Évora, como de Director de Coro, quer com o Coro do Seminário

da Arquidiocese. Em 1966, sucedeu a Mário de Sampayo Ribeiro, notável pioneiro da musicologia portuguesa e compositor, na direcção do Coro *Polyphonia Schola Cantorum*, com quem realizou inúmeros concertos, em Portugal e por vários países da Europa até ao ano de 1974.¹

Na sua actividade musicológica, estudou os arquivos da Sé de Évora, publicando estudos sobre os compositores e orientando a edição das respectivas partituras, com relevo para a série “*Portugaliae Musica*”,² actividade que lhe garantiu um lugar cimeiro na musicologia portuguesa e internacional e o respeito incondicional dos seus pares.³ Publicou estudos como *Arquivo das músicas da Sé de Évora*, (1973), *História da Escola de Música da Sé de Évora* (1973), *Biblioteca Pública de Évora* (1977); cuidou a publicação do *Tractado de canto mensurabile de Mateus de Aranda* (1978) e publicou *História da Capela e Colégio dos Santos Reis de Vila Viçosa* (1983).⁴ Publicou os livros *Frei Manuel Cardoso, compositor português* (1983), *O ensino e a prática da música nas Sés de Portugal* (1985), *Polifonistas portugueses* (1985)⁵ e ainda *O Colégio dos Moços do Coro da Sé de Évora* (1997).



Na colecção *Portugaliae Musica*, assinou um total de 11 volumes: quatro com a transcrição e estudo das obras de João Lourenço Rebelo: *Psalmi tum Vesperarum, tum*

¹ Para além da sua actividade de intérprete da música coral de excelência, o Coro Polyphonia era muito conhecido entre nós pelas publicações dos “*Cadernos Polyphonia*”: a série azul com repertório mais antigo, nomeadamente da polifonia renascentista portuguesa e a “série amarela” com música popular portuguesa harmonizada por Mário de Sampayo Ribeiro, que representava o pouco repertório impresso de que dispunham os nossos grupos corais. As partituras da música antiga ainda não obedeciam aos mais actualizados padrões de rigor musicológico, mais tarde utilizados pelos mesmos musicólogos e outros nas edições da *Portugaliae Musica*, mas tinham um valor prático muito apreciável. Devorávamos então essas partituras, por meio delas se deu a conhecer muito desse repertório, abrindo caminho a interpretações *historicamente informadas*, e este repertório está ainda na base da programação de muitos coros amadores com músicas e interpretações que não só as deram a conhecer ao grande público como as tornaram verdadeiramente célebres.

² Edições patrocinadas pela Fundação Calouste Gulbenkian.

³ Uma lista da sua bibliografia em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Augusto_Alegria

⁴ Edições da Fundação Calouste Gulbenkian.

⁵ Edições do Instituto da Cultura e Língua Portuguesa – Biblioteca Breve.

Completorii: Item Magnificat Lamentationes et Miserere): um com a *Opera omnia* de Diogo Dias Melgaz, seis com obras de Frei Manuel Cardoso; *Liber Primum Missarum, Liber Secundus Missarum, Liber Tertius Missarum, Livro de Vários Motetes e Cantica Beatae Mariae Virginis*. Foi efectivamente um dos homens que mais escreveram sobre a nossa música sacra antiga, empenhando-se na valorização da música litúrgica, nos primeiros tempos da reforma conciliar, numa perspectiva marcada pela sua experiência de estudioso, o que levava a enveredar por caminhos considerados conservadores,⁶ nomeadamente pela defesa intransigente do uso do latim como língua do canto litúrgico, quer no Canto Gregoriano quer na Polifonia sacra renascentista. Esta luta, travada em conjunto com muitos outros liturgistas, compositores, musicólogos e organistas portugueses e europeus, devia-se fundamentalmente ao mau gosto e falta de qualidade poético-musical da maior parte da música litúrgica pós conciliar, que contrariava as próprias orientações da *Constituição Conciliar “Sacrosanctum Concilium”*, n. 116 e da *Instrução “Musicam Sacram”*, n. 4, bem como outras intervenções do magistério de então.

Colaborou na imprensa regional e nos jornais *Novidades e Diário de Notícias*, bem como nas revistas *Lumen, Alvorada, Brotéria, A Cidade de Évora, Resistência, Música Sacra* (Petrópolis), *Jucunda Laudatio* (Veneza), entre outras. Assinou artigos para a *Enciclopédia Verbo* e para o *Dicionário de Música* do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi membro fundador da *Consociatio Internationalis Musicae Sacrae* (Roma),⁷ sócio correspondente da Academia Portuguesa de História e sócio honorário da Sociedade Brasileira de Musicologia, da Pontifícia Academia Mariana

⁶ Ao lado de outras figuras por todo o mundo, nomeadamente na França e Alemanha, e também em Portugal, o Cónego Alegria enveredou por uma linha, centrada então pelo *Movimento “Una Voce”* que defendia afincadamente a utilização do latim como língua litúrgica, nomeadamente para o Ordinário da Missa e para o Canto Litúrgico, ao contrário dos seguidores do *Movimento “Universa Laus”* que advogavam a viragem radical para uma liturgia alicerçada completamente nas línguas vernáculas e a consequente criação de novas formas de canto litúrgico, com base nomeadamente na utilização dos Salmos. Foram momentos conturbados da História da Igreja pós-conciliar, sobretudo pela exiguidade e a pouca qualidade literária e musical do repertório recente, quando confrontado com a qualidade do repertório produzido até aos tempos do Concílio e mesmo depois deste. No entanto, o confronto de ideias nunca assumiu contornos graves e que não se viessem a resolver com o tempo.

⁷ Trata-se de um organismo criado, em 22 de Novembro de 1963, pelo Papa Paulo VI, com o *Quirógrafo “Nobile subsidium Liturgiae”*. Dedicou-se à promoção da música sacra de qualidade, ligada em particular aos países de missão bem como ao estudo e publicação de obras de e sobre música sacra. Sediada actualmente no Pontifício Instituto de Música Sacra, em Roma. Foi seu primeiro presidente Mons. Johannes Overath, seguido do musicólogo francês Jacques Chailley. De entre várias das iniciativas, criou um centro de actividade de investigação centrado sobretudo na Abadia de Maria Laach (Alemanha), já notável pela ligação ao *Movimento Litúrgico* do séc. XX, que publicava uma série de livros com estudos musicológicos intitulada *“Musices Aptatio”*, o que manifesta claramente uma preocupação da CIMS no sentido do diálogo da tradição musical sacra com as novas linguagens quer as mais modernas quer sobretudo as provindas de culturas autóctones. Foi promotora do acto académico de apresentação de resultados de pesquisas relativas a processos culturais desencadeados pelos portugueses no mundo extra-europeu, realizado na Universidade Urbaniana de Roma, em 1991. Este acto académico, no qual eu estive presente e tive ocasião de intervir, foi presidido pelo então Card. Joseph Ratzinger, e nele foi apresentada a obra *Fundamentos da cultura musical cristã no mundo extra-europeu da Idade Moderna: A área de antigo Direito de Padroado Português*, edição em língua alemã, da autoria do investigador brasileiro António Alexandre Bispo.

Internacional. Recebeu, em 1985, o Prémio Ensaísmo Musical, atribuído pelo Conselho Português de Música ao livro *Polifonistas portugueses*, em 1986, a Medalha de Mérito Cultural e, em 1988, o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Évora.

Viria a falecer em Évora, no dia 23 de Janeiro de 2004.

A minha relação pessoal com o Cónego José Augusto Alegria data do ano de 1973, quando comecei a frequentar as Semanas Gregorianas de Fátima onde ele era então um conferencista habitualmente convidado. Com cinquenta e seis anos de idade, ele era já uma personalidade consolidada no panorama cultural português; eu um juvenzinho de 17 anos que o conhecia pouco mais que de nome e sobretudo a partir da sua relação com o *Coro Polyphonia*. A sua alegria e boa disposição contagiante captivava toda a gente eu não fui excepção, mas logo de imediato se estabeleceu uma relação de amizade que se prolongava e se incrementava ao ritmo dos anuais reencontros em Fátima. Não recorro muito do teor das suas conferências, sempre animadas, mas nunca mais me esqueceu a surpresa da novidade com que nos apresentou, pela primeira vez entre nós a temática da música nas Cantigas Trovadorescas Medievais, nomeadamente a técnica do “contrafactum” que haveria de me ocupar nos meus trabalhos e estudos muito mais tarde. Certamente que o facto de ter publicado, já em 1968, *A problemática Musical das Cantigas de Amigo*, significaria que a fundamentação do que ali apresentava, a meados dos anos setenta, representava o resultado de um trabalho continuado e amadurecido, mas o facto de então os estudos musicológicos não serem muito divulgados causou surpresa e admiração. Já em 2000, publicaria *As Cantigas d'amigo e d'amor dos Cancioneiros galego-portugueses: da origem poética à prática musical*, o que significa que o assunto continuou a ocupar os seus estudos.

Por coincidência, é precisamente nos anos setenta que se inicia a série de publicações suas no âmbito da musicologia portuguesa renascentista, obras que fui conhecendo e adquirindo na sua maioria, pois eram das poucas edições disponíveis e acessíveis quer à leitura de um principiante quer às possibilidades económicas de um jovem estudante. A partir dos anos oitenta, deixei de ter contacto pessoal com ele, salvo uma ou outra referência a partir de informações vindas de pessoas de Évora, mas a admiração, a estima e a leitura dos seus trabalhos – nomeadamente as partituras de *Portugaliae Musica* – continuaram pelos tempos fora, deixando-me na memória as marcas de uma personalidade fascinante e invulgar. Mais surpreendente ainda é o facto de ele não ter feito estudos particularmente aprofundados na área da musicologia, até porque esta era uma ciência não muito presente entre nós, mas ainda porque o curso de Ciências Musicológicas, no Pontifício Instituto de Música Sacra de Roma, em que se licenciou, não era então considerado um dos mais relevantes no panorama dos estudos nessa instituição romana, pese embora o facto de contar com a presença e direcção de uma

personalidade quase mítica nessa área, como foi Mons. Higinio Anglès – dirigiu o PIMS de 1947 a 1969 – precisamente o editor das *Cantigas de Santa Maria*. Terá sido um trabalho de paciência, isolamento, dedicação quase monástica, a ir moldando a personalidade do musicólogo que conhecemos em José Augusto Alegria, consolidada agora pelo inquestionável prestígio da obra monumental que nos legou.⁸

Meadela 16 de Setembro de 2024 (no 20.º Aniversário da sua morte)

Jorge Alves Barbosa

⁸ Para além da obra, do reconhecimento dos seus pares, foi recentemente escolhido como patrono de um Concurso de Música patrocinado pela Associação “Eborae Musica” e pelo Conservatório Regional de Évora, tendo em conta “que nos legou uma importante Obra Musical centrada no estudo e investigação das várias vertentes da “Escola de Música da Sé de Évora”, séculos XVI e XVII. Os objetivos do referido Concurso são o estímulo ao estudo da Música e à elevação dos níveis de desempenho e a promoção de intercâmbio de aprendizagens.